

As pesquisas sobre o português falado em Minas Gerais em 125 anos de história (1889-2014)¹

Research on the Spoken Portuguese in Minas Gerais in 125 years of history (1889-2014)

Eduardo Tadeu Roque Amaral*
Marcos Paulo Santos**

RESUMO: O objetivo deste artigo é apresentar uma análise historiográfica do conjunto de obras que investigaram, durante o período de 1889 a 2014, diferentes fenômenos linguísticos da língua portuguesa falada no estado de Minas Gerais. Os pressupostos teóricos adotados se baseiam nos estudos de Historiografia da Linguística, como Altman (1998, 2012), Batista (2013), Koerner (1995, 2004) e Swiggers (2009, 2013). O *corpus* de análise está constituído por livros, dissertações e teses que, sob diferentes enfoques metodológicos, se propuseram a investigar distintos fenômenos do português oral no estado. A coleta dos dados se deu em páginas eletrônicas de programas de pós-graduação, em acervos de bibliotecas e nos bancos de dados do IBICT e da CAPES. A análise do conjunto de obras permite estabelecer uma periodização dos trabalhos em três fases (1889 a 1937; 1938 a 1976; 1977 a 2014), sendo a terceira a mais fértil para a produção linguística sobre a modalidade oral da língua portuguesa. Observa-se ainda que a pesquisa de pós-graduação, especialmente no nível de mestrado, é a responsável por um acentuado aumento na pesquisa linguística sobre o tema, o que se deu sobretudo a partir dos primeiros anos do século XXI.

PALAVRAS-CHAVE: Historiografia da linguística. Língua oral. Português brasileiro.

ABSTRACT: The aim of this paper is to present a historiographical analysis of the set of works that investigated, from 1889 to 2014, different linguistic phenomena of the spoken Portuguese language in the state of Minas Gerais. The adopted theoretical assumptions are the studies of Historiography of Linguistics according to Altman (1998, 2012), Batista (2013), Koerner (1995, 2004), and Swiggers (2009, 2013). The corpus of analysis is made up of books, theses, and dissertations that, under different methodological approaches, set out to investigate different phenomena of the oral Portuguese in the state. Data collection took place in electronic pages of graduate programs, collections of libraries, and databases of IBICT and CAPES. The analysis of the assembled works establishes a timeline in three phases: the first, from 1889 to 1937; the second, from 1938 to 1976; and the third, from 1977 to 2014, being the last one the most fertile for language production on the oral modality of the Portuguese language. It is also observed that graduate research, especially at the Master level, is the responsible for a sharp increase in linguistic research on the subject, which took place mainly from the early years of the twenty-first century.

KEYWORDS: Historiography of Linguistics. Oral language. Brazilian Portuguese.

1. Introdução

* Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: eduamaralbh@gmail.com.

** Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: marcospaulomp02@gmail.com.

¹ Apoio: FAPEMIG - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (Processo APQ-00216-13).

Quando, nos anos 60, o professor Ataliba de Castilho se propõe a fazer um balanço dos estudos sobre a língua portuguesa falada no Brasil até o momento, afirma: “Longe estamos de poder admirar a brasilidade de nossa língua falada em todas as suas facetas” (CASTILHO, 1962, p. 23). O autor aponta ainda que, quanto à língua falada, só poderia ser suficientemente conhecida em seus aspectos regionais depois de um levantamento dos falares e da confecção de um atlas linguístico.

Tratando-se especificamente do português falado em Minas Gerais, os estudos que se dedicaram a investigá-lo concentraram-se não somente na identificação de marcas regionais ou na elaboração de atlas linguísticos, mas sobretudo em uma série de fenômenos que, de modo exclusivo ou não, ajudam a caracterizar os modos de falar dos mineiros. Considerando os resultados e os contextos de produção de tais estudos, o objetivo deste artigo é apresentar uma análise do conjunto de obras que investigaram, durante o período de 1889 a 2014, diferentes fenômenos linguísticos da língua portuguesa falada no estado.

Com base em pressupostos teórico-metodológicos da Historiografia da Linguística, pretende-se responder a questões como: que periodização é possível propor para os 125 anos em análise? Que tipos de trabalhos foram realizados sobre a língua e em quais instituições se concentraram as pesquisas? Quais são os fenômenos linguísticos que despertaram maior interesse entre os pesquisadores? Quais são as localidades de origem dos indivíduos que serviram de informantes para tais estudos e como se explica a seleção dessas localidades?

A hipótese principal é que, apesar de ter existido, na seleção dos dados investigados, certa preferência em função da origem dos pesquisadores e das instituições onde foram realizados os estudos, o interesse pela descrição dos fenômenos do português oral foi se ampliando paulatinamente ao longo do tempo.

Este artigo se estrutura da seguinte forma: na próxima seção, apresenta-se a fundamentação teórica. Em seguida, são explicados os procedimentos metodológicos para a busca e catalogação dos dados, os quais são constituídos essencialmente por livros, dissertações e teses. Em seguida, faz-se uma análise dessas obras, apresentando-se simultaneamente uma proposta de periodização dos estudos, seguida das conclusões obtidas.

2. Fundamentação teórica

A Historiografia da Linguística é uma disciplina que tem como objeto de estudo “o desenvolvimento das ideias e das práticas linguísticas” (SWIGGERS, 2013, p. 41) e que vem

criando, ao longo dos últimos anos, seus próprios princípios (KOERNER, 1995). Conforme aponta Batista (2013, p. 39), essa disciplina procura “descrever, analisar e interpretar o que foi dito sobre linguagem e línguas ao longo do tempo”. O mesmo autor reforça que a Historiografia da Linguística não toma como objeto a língua e seus fenômenos, mas o que foi dito e produzido (...) a respeito das línguas e seus fenômenos” (BATISTA, 2013, p. 49).

Para Altman (1998, p. 24), a atividade historiográfica presume “uma atividade de seleção, ordenação, reconstrução e interpretação dos fatos relevantes (...) para o quadro de reflexão que constrói o historiógrafo”. Neste trabalho, assume-se uma execução historiográfica que, nas palavras de Swiggers (2013, p. 45), toma uma forma tópica, isto é, focaliza a análise de um tema ou de um tipo de problema. No caso, o tema/problema é a descrição do português falado em Minas Gerais, observada a partir do que o autor chama de *objetos primários*, os textos. Assim, o conjunto de trabalhos em análise, o qual será descrito na seção seguinte, é definido a partir da delimitação de um objeto de estudo, ou seja, a descrição do português na sua modalidade oral (SWIGGERS, 2009)².

Cabe ao historiador da linguística a tarefa de “reconstruir o ideário linguístico e seu desenvolvimento através da análise de textos situados em seu contexto” (SWIGGERS, 2013, p. 43). Em outras palavras, o pesquisador procura definir parâmetros internos e externos das obras, ou seja, aqueles relativos ao conteúdo de cada obra analisada e aqueles relacionados ao contexto de produção (cf. BATISTA, 2013, 74).

Acredita-se que esse fazer historiográfico possa contribuir para o conhecimento do modo como a linguística influencia e é influenciada por aspectos socioculturais. Nas palavras de Swiggers:

A história das reflexões e dos esforços envidados em prol do fenômeno da linguagem é uma parcela essencial de nossa história como seres humanos, e seu estudo não só nos ensina muito sobre a história da linguística (e sua proto-história), como também sobre o papel central que exerceu e ainda exerce a linguagem na história das culturas, das sociedades, das atividades intelectuais da humanidade (SWIGGERS, 2013, p. 49).

Com base no exposto, espera-se que este estudo possa não só contribuir para o conhecimento que se tem sobre as pesquisas a respeito dos traços linguísticos que caracterizam

² Consideramos a modalidade oral como oposta à modalidade escrita, e, nesse sentido, incluem-se aqui as pesquisas que investigaram os traços linguísticos do português falado por mineiros tanto em situações espontâneas ou controladas, quanto em situações informais ou formais (cf. seção 3).

o modo de falar dos mineiros, mas também sobre as tendências que, ao longo tempo, influenciaram os pesquisadores que se dedicaram a ouvir e a descrever a língua portuguesa falada no estado.

De modo geral, a preocupação com a descrição das variedades linguísticas brasileiras pode ser considerada historicamente recente. Ao comentar o pensamento brasileiro sobre a língua portuguesa durante o período de 1820 a 1920, Pinto (1978) discute a falta de formação e de informação linguística dos autores da época. Segundo a autora, os trabalhos eram influenciados pelas polêmicas e geralmente continham argumentos de ordem subjetiva “postos a serviço das conveniências pessoais do interessado, ou de seus ideais nacionalistas” (PINTO, 1978, p. XLV). Deve-se ressaltar, entretanto, que essa experiência levou ao início do pressuposto da existência de uma realidade linguística brasileira em oposição à portuguesa, cujo incentivo teria vindo de Leite de Vasconcelos. De acordo ainda com Pinto (1978, p. LVIII), foi “sob a égide de um português que se abriu, a partir dos anos 20 [do séc. XX], novo ciclo de pesquisas da fala regional e, conseqüentemente, novos debates sobre a natureza da língua no Brasil”. Como se observa, nos debates do final do século XIX e início do XX, muito mais interessadas na identificação de diferenças entre a língua portuguesa do Brasil e a de Portugal, as manifestações teóricas ainda não se centravam em diferenciar os diferentes falares do país. Com efeito, Altman (1998, p. 71) afirma que “seria difícil ver surgir, dentre os filólogos da primeira geração [anteriores a 1968], a preocupação com dados da fala do presente - objeto material considerado ‘menor’”.

A partir dos anos 20 do século XX, começam a ganhar força os estudos dialetais da língua portuguesa no Brasil. Pinto (1981, p. XVIII) destaca: “No plano mais geral de abordagem da língua, assiste-se, no período de 1920-1945, a uma discreta, porém paulatinamente sempre mais decisiva opção pelo enfoque dialetológico, em detrimento do filológico”. Destaque-se que, em 1920, Amadeu Amaral publica *O dialeto caipira*, e, dois anos depois, é publicada a primeira edição de *O linguajar carioca* em 1922, de Antenor Nascentes, aos quais seguem outros trabalhos que viriam a tentar registrar traços linguísticos do então frequentemente denominado *dialeto* brasileiro. Muitos desses trabalhos ainda tinham caráter impressionista. Faltava rigor metodológico na coleta e na análise dos dados. Como destaca Pinto (1981): “A mesma atitude impressionista, característica dos trabalhos sobre a língua do Brasil no século passado [séc. XIX], ainda está presente na maioria das obras do período 1920-45” (PINTO, 1981, p. XX). Tenha-se em conta que, em muitos casos, as obras literárias eram consideradas representativas

da oralidade e o estudo do folclore era visto como base para o registro dialetal.

Nos anos 30 do século XX, com a criação das primeiras faculdades de filosofia no Rio de Janeiro e em São Paulo, inicia-se um processo de “cientifização” dos estudos linguísticos no Brasil (ALTMAN, 1998). Considere-se também que grande parte dos trabalhos era produzida a partir da visão de estudiosos que se encontravam nas cidades citadas, especialmente no Rio de Janeiro, então capital do país. Com efeito, a fala do Rio de Janeiro era considerada o modelo para outras partes do país, como vemos nas atas do *Primeiro Congresso da Língua Nacional Cantada*, realizado em 1937 (CONGRESSO, 1938, p. 59-60).

Ainda sobre a importância do Rio de Janeiro, Altman afirma:

Com exceção de Maurer Jr., Salum e Silveira Bueno, catedráticos de Filologia Românica e Filologia Portuguesa, respectivamente, da Universidade de São Paulo, todos os outros [filólogos] trabalharam no Rio de Janeiro, ou em Filologia Românica ou em Filologia Portuguesa. O centro principal de irradiação das ideias linguísticas era, sem dúvida, o Rio de Janeiro (ALTMAN, 1998, p. 69).

Pelo exposto, observa-se um cenário pouco propício para a descrição da língua falada ao longo do território nacional, incluindo, obviamente, Minas Gerais. Não obstante, obras esparsas foram sendo publicadas, conforme será visto adiante. Um maior interesse pelos estudos do português falado no estado mineiro viria a ser observado somente a partir do final dos anos 70 e início dos anos 80, com as pesquisas de mestrado dos programas de pós-graduação. De fato, ao analisar a produção da pesquisa linguística no Brasil no período de 1968 a 1988, Altman (1998) afirma:

A Linguística Brasileira deste final de século [XX] parece, pois, após um quarto de século de produção enquanto disciplina autônoma, disposta a operar a síntese entre as práticas de pesquisa com que rompeu, e as práticas que criou, através da volta ao estudo do português do Brasil. Sem dúvida, é na recorrência (renovada) do problema da língua falada no Brasil, aparentemente fora de questão desde meados do século (Pinto, 1981), que pode estar a especificidade e originalidade da produção brasileira, enquanto tradição de pesquisa (ALTMAN, 1998, p. 303).

O interesse pelos estudos sobre a língua falada, especialmente nas instituições mineiras, aumentará consideravelmente a partir dos anos 2000, situação que será detalhada durante a análise dos dados apresentada adiante. Antes, porém, serão explicados os procedimentos

metodológicos utilizados para esta pesquisa.

3. Descrição metodológica

Neste artigo, são analisados livros, dissertações de mestrado e teses de doutorado que descrevem fenômenos linguísticos da modalidade falada do português em Minas Gerais. O período compreendido das publicações inicia-se em 1889, ano da Proclamação da República, e finaliza em 2014, perfazendo um total de 125 anos de história.

Para a identificação das obras que constituem o *corpus* deste trabalho, foram consultadas as seguintes fontes: a) páginas *web* dos programas de pós-graduação de Minas Gerais; b) acervo de bibliotecas universitárias e de bibliotecas públicas; c) banco de dados do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT); d) Banco de Teses da CAPES. É importante destacar que foram incluídas na análise apenas as obras que, exclusivamente ou não, buscaram identificar traços ou propriedades do português falado por mineiros, seja na sua realização espontânea ou não, seja em contextos formais ou informais. Obviamente, os procedimentos empregados para observação da fala são diferentes entre uma pesquisa e outra, mas, no que se refere especialmente aos estudos da terceira fase, não se incluíram os trabalhos que se basearam em dados de introspecção ou em dados construídos pelo pesquisador.

Com o fim de catalogar os dados coletados nas diversas fontes, foram elaboradas planilhas, que possibilitaram a classificação das obras segundo os objetivos propostos. Nessa etapa, todo material obtido que se enquadrasse nos critérios previamente definidos, isto é, ser um trabalho com objetivo de descrever fenômenos linguísticos da língua falada no estado de Minas Gerais, foi registrado em tais planilhas, incluindo-se diversas informações a respeito das obras. Foram desenvolvidas também, durante a catalogação, resenhas para cada uma das obras encontradas. Cada uma dessas resenhas contém informações básicas sobre o trabalho, como seus objetivos, hipóteses, fenômenos estudados, diferentes bases teóricas adotadas por cada trabalho/autor, processo de desenvolvimento dos trabalhos, além das conclusões e resultados obtidos.

Para os materiais referentes às pesquisas em cursos de pós-graduação (dissertações e teses), foram ainda incluídas informações específicas sobre os trabalhos, como: objeto de estudo ou fenômeno analisado; classificação de tal objeto ou fenômeno (fonético-fonológico, prosódico, morfossintático, lexical, semântico, discursivo-textual, entre outros); quadro teórico

apresentado pelo autor (sociolinguística (variacionista), funcionalismo, toponímia, entre outros). A inclusão dessas informações visou à possibilidade de facilitar a análise das obras e à interpretação do seu contexto de produção³.

Com o objetivo de representar cartograficamente as informações sobre as localidades de origem dos informantes das pesquisas, foi utilizado o software livre QGIS, versão 2.8.3-Wien (Código 313a6bc)⁴. O QGIS é um Sistema de Informação Geográfica (SIG) de Código Aberto licenciado segundo a Licença Pública Geral GNU.

Na próxima seção, será apresentada a análise dos dados, organizada, conforme explicado anteriormente, a partir de uma proposta de periodização dos trabalhos.

4. Resultados

A análise das obras catalogadas permite identificar três períodos ou fases nos estudos sobre a língua portuguesa falada em Minas Gerais. A primeira fase se inicia em 1889, ano da Proclamação da República, e se estende até 1937. Caracteriza esse período especialmente a inclusão de breves notas dialetais em gramáticas. A segunda fase se inicia com a publicação do artigo de Teixeira (1938) e prossegue até o ano de 1976. Encontram-se, nesse período, principalmente estudos individuais sobre falares rurais. A terceira fase, iniciada em 1977 com a publicação do *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais* (RIBEIRO et al., 1977) se estenderia até o último ano incluído na análise deste trabalho, 2014. Como característica principal desta última fase, encontram-se as diversas pesquisas acadêmicas em programas de pós-graduação das instituições de ensino superior, sobre as quais serão apresentadas maiores informações na subseção 4.3.2.

A seguir, serão expostas as características do conjunto de obras de cada fase.

4.1 A primeira fase (1889 a 1937)

O ano de 1889 foi escolhido como marco inicial da periodização proposta e também da primeira fase, pois foi quando ocorreu a Proclamação da República do Brasil. Na ausência de uma obra significativa que tenha se ocupado da descrição do português oral de Minas Gerais,

³ As planilhas com os dados coletados estão disponíveis no site do projeto *Documentação e análise do português falado em Minas Gerais*, cujo endereço é www.lettras.ufmg.br/minasfala.

⁴ Informações sobre o software podem ser obtidas em http://www.qgis.org/pt_BR.

toma-se como marco inicial um fato político de relevância para o país e também para o estado⁵.

De modo geral, é rara a preocupação com a descrição da língua portuguesa falada no país durante esse período. Conforme discutido anteriormente a partir do exposto por Altman (1998) e Pinto (1978, 1981), as obras, até então, são quase sempre gramáticas normativas da língua portuguesa em que são citadas, brevemente, algumas características da fala. Essa situação pode ser observada nos fragmentos abaixo, extraídos da *Grammatica expositiva* de Pereira (1907) e de uma nota de rodapé da obra de Silva Jr. e Andrade (1894):

No Brasil é perceptível a diferença phonetica entre os *nortistas* e *sulistas*. Esta mesma diferença nota-se entre os estados do Sul. Em S. Paulo pronuncia-se geralmente – *ménino, tiu, naviu, cómes, Antóninha*; em Minas – *mininu, tiao, navio, cômes, Antuninha*. Ha vocabulos e expressões peculiares a certos Estados: em S. Paulo – *mecê, nhô*; em Minas – *vacê, seo* (seo José), *sia* (sia Maria) (PEREIRA, 1907, p. 257-258)

Em S. Paulo e em alguns lugares de Minas abreviam-se em *nhô, nhá*, e dizem *Nhô Quim* (Sr. Joaquim), *nhô sim, nhô não* etc. Dá-se o mesmo no Ceará etc. (SILVA JUNIOR e ANDRADE (1894) *apud* PINTO, 1978, p. 278)

Essa primeira fase se estende até 1937. No ano seguinte, começaria, em Minas Gerais, uma nova fase de estudos sobre a língua falada, com a publicação da obra de Teixeira (1938).

4.2 A segunda fase (1938 a 1976)

Em 1938, José Aparecido Teixeira publica o artigo *O falar mineiro*, no qual considera este falar como uma variedade do que na época se chamava de “dialeto brasileiro”. No texto, o autor apresenta uma grande quantidade de exemplos fônicos, morfológicos, sintáticos e lexicais que caracterizariam a fala mineira do período, buscando frequentemente classificar as ocorrências como pertencentes às classes *populares* (ou *incultas*), *semicultas* ou *cultas*. Nesse sentido, o autor aponta diferenças que, posteriormente, passariam a ser cruciais para os estudos sociolinguísticos. A propósito, vários fenômenos discutidos por Teixeira serão objeto de estudo em pesquisas da terceira fase, como: o alçamento de vogais pretônicas; a retroflexão do "r" e "l"; a variação dos pronomes de segunda pessoa; o apagamento do clítico "se", etc. (Amaral, 2013).

⁵ Tenha-se em conta que, dois anos depois da Proclamação, é promulgada a *Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil*, que transforma as antigas províncias em estados. Assim, a antiga Província de Minas Gerais se converte no Estado de Minas Gerais.

Apesar das várias observações impressionistas⁶, tal publicação pode ser considerada um marco para os estudos do português falado no estado, pois, até então, não existiam trabalhos dedicados especificamente a tal fim. Machado Filho (1941) faz inclusive o seguinte comentário sobre a obra de Teixeira:

Em remate, o livrinho do sr. José A. Teixeira, interessante a muitos respeito marca uma data inicial nos estudos dialetológicos em Minas. (...) Tomara que outros sigam o exemplo do autor de cujos dotes revelados é lícito esperar novos ensaios (MACHADO FILHO, p. 177 - grifo nosso)

Nos anos seguintes, começam a surgir alguns trabalhos sobre a língua oral e é possível notar um predomínio de obras de caráter dialetológico, com foco no estudo de dados de fala rural. Essa era uma característica das pesquisas linguísticas no país até então, conforme comentado anteriormente. O interesse pela língua falada nos centros urbanos somente passa a receber destaque e cresce, em quantidade, a partir dos anos 70 – em âmbito nacional, tem-se o exemplo do projeto NURC (PENHA, 1970).

De maneira geral, as obras dessa fase de estudos apresentam pouco rigor metodológico (ou pelo menos descrevem muito vagamente a metodologia empregada) e fazem parte de uma época em que os estudos linguísticos ainda começavam a ganhar força dentro das universidades. Vale destacar, também, que os autores dos trabalhos são pesquisadores de um período complicado para os estudos da língua: faltavam investimentos públicos em pesquisas e a maior parte dos trabalhos acabava sendo realizada com recursos particulares. A ausência de formação linguística dos autores também é um item a se considerar: encontra-se, nesse período, uma heterogeneidade das carreiras dos pesquisadores, alguns dos quais não haviam passado por uma formação em estudos sobre a língua.

Apesar da diversidade entre os estudos e suas, pouco claras, metodologias, os trabalhos publicados foram de grande importância para as pesquisas sobre o português falado, tanto pelo pioneirismo, quanto pela determinação dos autores em tentar documentar a língua falada no estado. Destaque-se como os autores enfrentaram as dificuldades de comunicação e locomoção da época, engajados em suas pesquisas, e até mesmo dificuldades políticas, como as restrições

⁶ Veja-se, por exemplo, o trecho a seguir: “a fala do mineiro é calma e sossegada (...) nela impera, mais do que em qualquer outra, a lei do menor esforço, criando, através as [sic] alterações fonéticas, um timbre de notas aveludadas, que traduz o temperamento brando e suave, gerado nos longos anos de pacíficas atividades agrícolas e pastoris” (TEIXEIRA, 1938, p. 12).

do período ditatorial, quando trabalhos de pesquisa *in loco* não eram bem vistos aos olhos dos governantes.

Embora tenha havido muitas adversidades e pouco interesse pelas descrições da língua oral, é preciso reconhecer o mérito dos estudos que foram publicados na segunda fase. O quadro abaixo apresenta uma relação de obras representativas do período, as quais incluem livros, capítulos de livro e trabalho em anais. A fim de estabelecer comparações deste período com o terceiro, identificam-se, na última coluna, as localidades, em que, de acordo com os autores, foram coletados os dados analisados. Tais localidades também estão identificadas no Mapa 1 (Anexo 1).

Quadro 1. Obras representativas da segunda fase (1938 a 1976).

Ano	Obra	Autores	Localidades de coleta dos dados
1938	O falar mineiro (artigo em revista científica)	Teixeira (1938)	Alfenas, Belo Horizonte, Manhuaçu, Pouso Alegre, São João del-Rei, Teófilo Otoni.
1941	Dialetologia em Minas (capítulo de livro)	Machado Filho (1941)	Não consta
1964	<i>O negro e o garimpo em Minas Gerais</i>	Machado Filho (1964 [1943])	Diamantina
1970	Ni 'em' = 'Em casa de' (artigo em anais)	Cunha (1970)	Itambacuri, Ladainha, Malacacheta, Poté, Teófilo Otoni.
1972	<i>Negros e quilombos em Minas Gerais</i>	Barbosa (1972)	Não consta
1974 /1975	Aspectos da Linguagem de São Domingos: tentativa de descrição da linguagem rural brasileira (artigo em revista científica)	Cunha (1974/1975)	Elói Mendes (bairro: São Domingos).

4.3 A terceira fase (1977 a 2014)

O início da terceira fase se insere no período estudado por Altman (1998), para quem os anos de 1968 a 1988 representam “o resultado de um longo e descontínuo processo de cientificação e institucionalização dos estudos linguísticos no Brasil” (ALTMAN, 1998, p. 23). De acordo com a autora, a partir de 1968, teria se concentrado um conjunto de fatores de ordem intelectual e social que permitiria “a solidificação institucional de uma ‘Linguística Brasileira’ e de um jovem grupo de pesquisadores que começaram, a partir de então, a se reconhecer ‘linguistas’” (ALTMAN, 1998, p. 44)⁷.

No contexto de elaboração de atlas linguísticos regionais no país (CARDOSO e MOTA, 2013), pesquisadores da UFJF publicam, em 1977, o *volume I* do *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais* (EALMG) (RIBEIRO et al., 1977). Essa obra representa um novo marco nos estudos sobre a língua falada no estado de Minas, resultado e parte do processo já mencionado em Altman (1998). O EALMG traz em si um modelo de obra mais preocupada com os métodos de pesquisa, com razoável detalhamento de todo processo de concepção e elaboração. Da mesma forma que ocorria com Castilho (1962), citado no início deste artigo, os pesquisadores estavam motivados por um desejo de conhecer e descrever os traços da língua falada. Na *Introdução* da obra, é possível ler: “Estamos no último quartel do século e somos incapazes, cientificamente, de dizer se o Brasil, pelo seu idioma, uno na diversidade, tem tais ou quais falares, essa ou aquela distinção, nesse ou naquele ponto” (RIBEIRO et al., p. 20).

A obra foi elaborada a partir de pesquisa direta em campo por meio de conversação dirigida e também com questionários. Os pesquisadores investigaram 116 localidades do estado, desde grandes centros urbanos, até pequenas comunidades. O primeiro volume do EALMG traz uma breve descrição e alguns dados de cada uma das cidades, o modelo das fichas utilizadas nas pesquisas, o modelo dos questionários e a relação, com dados sociolinguísticos, dos informantes das primeiras 50 localidades. Além disso, são apresentados 73 mapas que localizam diversas ocorrências de variação lexical no estado observadas nas pesquisas. Desse modo, a partir da publicação do *EALMG*, tem-se um novo momento dos estudos sobre o português falado em Minas e cresce o número de trabalhos interessados na língua oral do estado.

Se o número de pesquisas realizadas por linguistas sobre o português falado em Minas Gerais aumenta consideravelmente nesta última fase, não se pode ignorar que obras elaboradas

⁷ Em 1969, é fundada a primeira associação de linguística de caráter nacional, a Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN).

por pessoas de outras áreas continuam sendo publicadas⁸. Nesta seção, entretanto, serão discutidas aquelas que, de modo geral, são resultados de pesquisas vinculadas a instituições de ensino superior e desenvolvidas por profissionais ou estudantes da área de linguística. Com base nesses critérios, organizamos os trabalhos da terceira fase em dois grupos. No primeiro, incluímos as publicações de livros que têm como foco principal a descrição linguística de fenômenos do português falado em Minas Gerais⁹. No segundo, reunimos as dissertações e teses que tiveram o mesmo objetivo.

4.3.1 Publicações da terceira fase

Ao analisar os artigos da área de linguística do periódico *Cadernos de Linguística e Teoria da Literatura*, publicados pela Faculdade de Letras da UFMG no período de 1978 a 1988, Altman (1998) destaca, entre as características gerais, uma ênfase “no trabalho linguístico a partir de dados observáveis, sobretudo da fala” e “na incorporação de múltiplos aspectos da variabilidade da língua oral na gramática”¹⁰. Embora, de fato, exista uma preocupação com a descrição da língua falada em artigos desse periódico, a produção referente ao português falado em Minas começará tímida e ganhará maior força a partir dos anos 2000. O Quadro 2 inclui um conjunto de obras representativas do período.

Quadro 2. Publicações em livros representativas da terceira fase.

Ano	Título	Referência
1977	<i>Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais (Vol. I)</i>	Ribeiro et al. (1977)
1982	<i>Comportamento linguístico do dialeto rural</i>	Veado (1982)

⁸ Podemos citar Mota (2008) como exemplo desse tipo de obra. No início do livro, o próprio autor declara sua ausência de formação em linguística: “Antes que eu seja pilhado em flagrante por eventual visitador desta ‘obra’, sobretudo algum versado em Glotologia, Semiótica, Gramática, Semântica, Filologia, Sociolinguística, Dialectologia, Etnografia & disciplinas afins, confesso antecipadamente, e sem a necessidade de tortura, a minha mais absoluta ignorância nessas importantes áreas do conhecimento universal” (MOTA, 2008, p. 10).

⁹ Produções como artigos científicos e capítulos de livros não foram incluídas neste levantamento. Acredita-se, porém, que uma catalogação desse tipo de produção apresentaria resultados com certa semelhança ao de livros, dissertações e teses, uma vez que grande parte de artigos e capítulos são elaborados com resultados parciais de pesquisas de pós-graduação. Tal hipótese mereceria, entretanto, uma pesquisa futura.

¹⁰ A autora contabiliza, de um total de 52 artigos, 46 tratando do português, “sobretudo na modalidade oral, com uma orientação essencialmente gramatical” (ALTMAN, 1998, p. 235). Tenha-se em conta, porém, que o critério usado pela autora na classificação dos artigos difere do que foi utilizado para este trabalho.

1997	<i>Português rural de Minas numa visão tridimensional</i>	Penha (1997)
1998	<i>Pé preto no barro branco: A língua dos negros de Tabatinga</i>	Queiroz (1998)
2002	<i>Dialeto mineiro e outras falas: estudos de variação e mudança linguística</i>	Cohen e Ramos (2002)
2011	<i>Minas é plural</i>	Viegas (2011)
2011	<i>Pelas trilhas de Minas: A língua das Gerais</i>	Dogliani e Cohen (2011)
2011	<i>Anais do 1º Encontro sobre a diversidade linguística de Minas Gerais: memória e cultura</i>	Cohen et al. (2011)
2012	<i>C-ORAL-BRASIL I: corpus de referência do português brasileiro falado informal</i>	Raso e Mello (2012)
2013	<i>Dicionário do dialeto rural no Vale do Jequitinhonha - Minas Gerais</i>	Antunes (2013)
2013	<i>Minas é singular</i>	Viegas (2013)
2013	<i>O português falado em Minas Gerais</i>	Amaral (2013)
2013	<i>Português Brasileiro Dialectal - Temas Gramaticais</i>	Ramos e Coelho (2013)
2014	<i>Nomes gerais no português brasileiro</i>	Amaral e Ramos (2014)

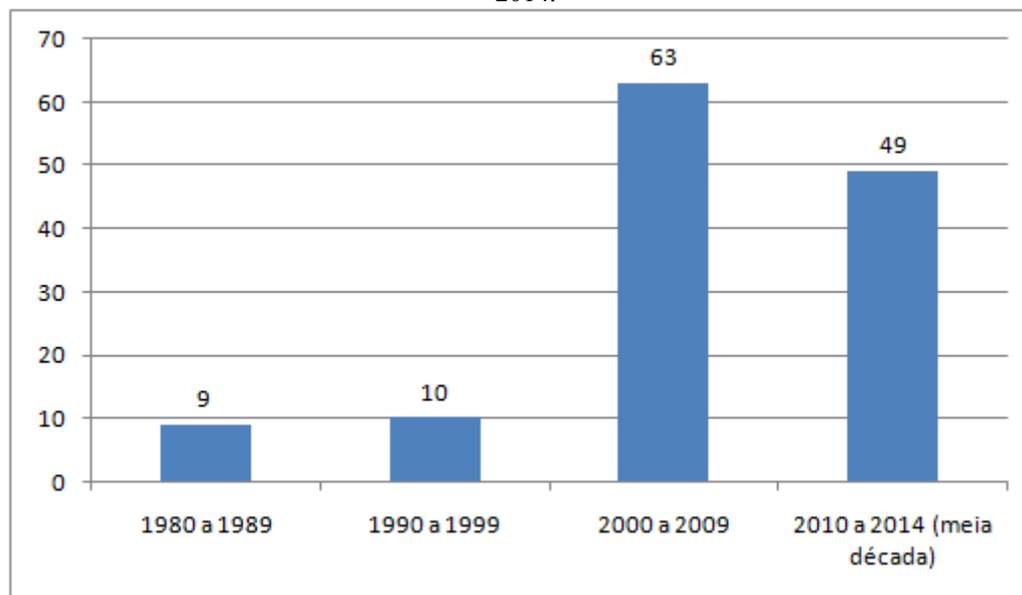
A diversidade de fenômenos discutidos nas obras do Quadro 2 e de localidades estudadas contribui substancialmente para o conhecimento da realidade do português falado no estado. Com efeito, se, por um lado, algumas obras se ocupam em descrever fenômenos linguísticos de comunidades rurais, por outro lado, várias delas analisam a língua falada em grandes centros urbanos, o que reforça a consideração do estado como uma área de forte diversidade linguística. A esse respeito, afirma Viegas na apresentação do livro que organiza (2013, p. 9): “há bastante variação nesse estado [MG], o que o torna um estado-chave para a pesquisa linguística”.

4.3.2 Dissertações e teses da terceira fase

Considerando os trabalhos de pós-graduação *stricto sensu* da terceira fase, a pesquisa de Braga (1977) pode ser considerada como a primeira dissertação a tratar especificamente de traços linguísticos do português falado no estado. A autora, que coletou seus dados em cidades do Triângulo Mineiro, investiga a concordância de número no sintagma nominal. A dissertação foi orientada pelo professor Anthony Naro e defendida na PUC/RJ. Em território mineiro, entretanto, a primeira dissertação que investiga fenômenos da fala é a de Veado (1980). Defendida na Faculdade de Letras da UFMG, a obra apresenta uma descrição e análise da língua falada na microrregião sanfranciscana de Januária (Januária, Itacarambi, Manga, Montalvânia, São Francisco). Os dados foram obtidos em entrevistas com falantes não escolarizados da zona rural.

Ao analisar as dissertações e teses desta fase, contabilizamos um total de 132 trabalhos que trataram do português falado em Minas Gerais. Foram 116 dissertações de mestrado e 16 teses de doutorado, o que representa 88% e 12% do total, respectivamente. Como se vê, é na pesquisa de pós-graduação, especialmente no nível de mestrado, que se encontra a grande produção relacionada à modalidade oral do português no estado. Examinando o número de trabalhos por década a partir de Veado (1980), observa-se que, se nos anos 80 e 90 a quantidade de defesas permaneceu estável, por outro lado, houve um aumento significativo nos anos 2000, tendência que se mantém na década atual, cujo número de dissertações e teses alcançou, em meia década, o número de 49 trabalhos defendidos. Esses resultados podem ser vistos no Gráfico 1:

Gráfico 1. Número de dissertações e teses sobre o português falado em MG defendidas no período de 1980 a 2014.



O aumento das pesquisas nos anos 2000 registrado no gráfico anterior se explica por diversos fatores, entre eles a ampliação dos programas de pós-graduação e, em termos metodológicos, a facilitação que as novas tecnologias propiciou na coleta, armazenamento e reuso de bancos de dados de língua oral. Considere-se ainda a boa repercussão que os estudos sobre a língua falada no estado adquire no meio acadêmico e nos meios de comunicação (ARRUDA, 2011; GIUDICE, 2007).

Realizando uma análise do conjunto de 132 dissertações e teses, é possível identificar certas tendências e propor algumas interpretações. Nesse sentido, apresentamos, a seguir, uma descrição mais detalhada desse grupo de obras.

Primeiramente, constatamos que grande parte dos trabalhos foi desenvolvida na UFMG. Conforme é possível verificar na Tabela 1, 72% dos estudos foram desenvolvidos na UFMG, 11,4% na PUC-MG e 9,8% na UFU. Outras instituições em que também foram defendidas dissertações ou teses sobre o português falado no estado são UFJF, UEL, UFG, UNICAMP, USP e PUC-RJ¹¹.

¹¹ O número relativo à UFJF é, certamente, superior. Porém, em nenhuma das bases de dados utilizadas e nem em consulta pessoal à Secretaria do Programa de Pós-Graduação foi possível localizar informações sobre o conjunto total das dissertações defendidas.

Tabela 1. Número de dissertações e teses sobre o português oral em Minas Gerais conforme a instituição de defesa.

Instituição	Número	%
UFMG	95	72,0
PUC-MG	15	11,4
UFU	13	9,8
UFJF	4	3,0
UEL	1	0,8
UFG	1	0,8
UNICAMP	1	0,8
USP	1	0,8
PUC-RJ	1	0,8
Total	132	100

A antiguidade dos programas de pós-graduação e seu número de áreas de concentração justificam esse resultado. Com relação às três primeiras instituições, por exemplo, verifica-se que, na UFMG, já em 1973 se iniciou o então Curso de Pós-graduação em Letras. Na PUC-MG, o Programa de Pós-graduação em Letras teve seu início em 1989 e o Curso de Mestrado em Linguística da UFU começou suas atividades em 1995. Além disso, de acordo com os dados da Plataforma Sucupira (CAPES, 2015), enquanto o Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da UFMG tem, atualmente, três áreas de concentração, os programas da PUC-MG e da UFU têm apenas uma área relacionada aos estudos linguísticos.

Para o desenvolvimento dos 132 trabalhos em análise, contribuíram como orientadores um total de 35 professores. O professor Marco Antônio de Oliveira, que atuou na UFMG e atualmente é docente da PUC-MG, foi o que mais orientou pesquisas que investigaram a língua portuguesa falada no estado. O resultado relativo aos outros docentes que orientaram as pesquisas encontra-se na Tabela 2 (Anexo 2).

Somente as orientações do professor Marco Antônio de Oliveira representam quase 17% de todas as pesquisas. Tendo sido orientado por William Labov em seu doutorado na University of Pennsylvania (1976-1983), as pesquisas que, por sua vez, foram orientadas por Oliveira refletem um forte interesse pela descrição da língua falada com base em pressupostos teórico-

metodológicos da sociolinguística.

Com efeito, ao analisar as principais teorias que serviram de apoio para as pesquisas, verificamos que boa parte está baseada em pressupostos da Sociolinguística, seja com a adoção dos princípios e técnicas da análise variacionista ou não. A relevância adquirida pelos estudos sociolinguísticos nas pesquisas em linguística também foi observada no trabalho de Altman (1998, p. 290): “Essa diversificação pela nacionalidade do referencial teórico coincidiu com o surgimento, também em meados dos anos setenta, dos primeiros artigos de pesquisa produzidos a partir de um referencial laboviano”. A proposta dos trabalhos discutidos por Altman era, de acordo com a autora, a de incorporar variáveis não estruturais (ou sociais) às regras da gramática.

Mas, no conjunto de obras em análise, também há um número representativo de outras teorias, vinculadas ao funcionalismo norte-americano, à fonologia de uso, aos estudos de gramaticalização, às investigações toponímicas, entre outras. Convém ressaltar, entretanto, que essa classificação não é categórica. Há trabalhos que se apoiam em outros pressupostos teóricos, alguns que procuram conciliar diferentes teorias e inclusive há outros com certa inconsistência entre o propósito teórico revelado pelo autor e a análise desenvolvida. Analisar a consistência teórico-metodológica de cada um, no entanto, não constitui o escopo deste trabalho.

Outro ponto importante que merece ser observado na discussão historiográfica tem a ver com o objeto de estudo ou o fenômeno selecionado para as pesquisas. A variação na realização das vogais médias, compreendendo os fenômenos de abertura e alçamento, foi o principal objeto de estudo e esteve presente em 14% dos trabalhos. Em seguida, encontram-se a variação na forma ou realização de pronomes (8%), a ausência ou presença de artigo definido diante de nomes próprios (5%), a concordância verbal (5%), o léxico rural ou regional (5%), a gramaticalização de diferentes unidades linguísticas (4%), os topônimos (4%) e a variação do /r/ final (3%). Esses resultados indicam que os fenômenos mais estudados foram os morfossintáticos, seguidos dos fonológicos e dos lexicais.

Finalmente, a fim de avaliar a expansão geográfica dos dados sob análise, realizamos uma quantificação das localidades de origem dos dados, ou seja, dos municípios cuja fala foi analisada nos 132 trabalhos em estudo. O português falado em Belo Horizonte foi o mais pesquisado durante esta fase. Os trabalhos que analisam a fala da capital chegam a 28% do total. Outros municípios representativos para a coleta de dados dos pesquisadores são Mariana, Uberlândia, Ouro Preto, São João da Ponte, além da própria Região Metropolitana considerada

como área de pesquisa. Esses resultados podem ser visualizados na Tabela 3:

Tabela 3. Localidades de origem dos dados analisados nas dissertações e teses.

Localidade	Número de trabalhos	%
Belo Horizonte	56	28,0%
Mariana	9	4,5%
Uberlândia	8	4,0%
Ouro Preto	6	3,0%
São João da Ponte	6	3,0%
Região Metropolitana de BH	6	3,0%
Piranga	5	2,5%
Montes Claros	4	2,0%
Arceburgo	3	1,5%
Barra Longa	3	1,5%
Itaúna	3	1,5%
Minas Novas	3	1,5%
Ponte Nova	3	1,5%
Uberaba	3	1,5%
Outras	82	41%
Total	200¹²	100,0%

Embora nem todos os trabalhos apresentem as razões pelas quais foi escolhido um ou outro município para a coleta dos dados, podemos interpretar o resultado anterior levando-se em conta especialmente a origem dos pós-graduandos. Há vários casos em que os autores dos estudos procuram analisar dados da região onde moram ou onde possuem parentes e/ou amigos. Os fragmentos a seguir revelam justificativas para a escolha da localidade de pesquisa relacionadas às regiões de origem dos pesquisadores:

¹² Como há dissertações e teses que analisam dados de mais de uma localidade, esse número é superior ao do conjunto total de trabalhos.

Na cidade de Matipó, o Córrego escolhido para realizar as entrevistas foi o Córrego dos Lourenços; já em Abre Campo, o Córrego escolhido foi o Córrego Pouso Alto. Esses córregos foram escolhidos, pois além de serem limítrofes, tinham parentes e conhecidos da pesquisadora morando no local, o que facilitou a escolha dos informantes e o clima de espontaneidade nas entrevistas (MENDES, 2009, p. 43 - grifo nosso).

Como tanto os Sertões do Jacuhy quanto o município de Passos nos são familiares, almejamos realizar a pesquisa linguística nessa área (...), uma vez que nos identificamos e fazemos parte dessa comunidade, convivendo com seus membros (RIBEIRO, 2010, p. 69 - grifo nosso).

A fim de comparar as localidades de pesquisa da segunda com as da terceira fase, representamos cartograficamente as localidades onde foram coletados os dados para os estudos. Esse resultado pode ser visto no Mapa 2 (Anexo 3), que se complementa pela Tabela 4 (Anexo 4). A comparação revela que há uma forte expansão na pesquisa linguística sobre o português falado no estado a partir dos anos 80, expansão que, como foi visto, se acentuou nos anos 2000. Obviamente, conforme já apontado neste artigo, os fenômenos analisados nas obras e os pressupostos teórico-metodológicos se diferenciam, mas o resultado demonstra claramente o avanço dos estudos feitos com dados do interior do estado.

5. Considerações finais

Voltando às questões propostas no início deste trabalho, verificamos que a análise das obras catalogadas possibilitou a identificação de três fases dos estudos sobre o português falado em Minas Gerais. Observamos que, na primeira, havia apenas breves notas em gramáticas sobre traços linguísticos de Minas Gerais e que, a partir da segunda fase, predominam estudos individuais, especialmente sobre traços de zonas rurais. Além disso, constatou-se que foi na terceira fase que os estudos sobre a fala se intensificaram, sobretudo a partir dos anos 2000.

Diante do exposto, a hipótese principal foi parcialmente comprovada, uma vez que, em lugar de uma ampliação paulatina das pesquisas sobre a modalidade falada do português, o que houve foi uma espécie de *boom* de tais estudos no início do século XXI. Defendemos que esse aumento nas pesquisas tenha como causas a ampliação dos programas de pós-graduação e, em termos metodológicos, a facilidade que as novas tecnologias propiciou na coleta, armazenamento e reuso de bancos de dados de língua oral.

Considerando especificamente as dissertações e teses defendidas a partir de 1977, demonstramos que foi nos programas de pós-graduação, especialmente no nível de mestrado,

que se localizou a maior parte das pesquisas relacionadas à modalidade oral do português no estado. Analisando o conjunto dos 132 trabalhos defendidos no período, observamos que o maior número foi desenvolvido na UFMG, instituição a que seguiram a PUC-MG, a UFU e outras. Com respeito aos docentes orientadores, houve um destaque quantitativo na atuação do prof. Marco Antônio de Oliveira. Esse resultado se relaciona com a análise das principais teorias adotadas nas dissertações e teses, em que se destacou a sociolinguística, tendo ou não como base os pressupostos labovianos. Embora o fenômeno mais investigado tenha sido a variação na realização das vogais médias do português, o conjunto dos fenômenos morfossintáticos é o mais representativo quantitativamente. No que diz respeito à origem dos dados investigados, a análise demonstrou que 28% dos trabalhos de pós-graduação investigaram a fala de belo-horizontinos, o que fez da variedade linguística da capital do estado a mais pesquisada ao longo do período. Outros municípios representativos foram Mariana, Uberlândia, Ouro Preto, São João da Ponte, além da própria Região Metropolitana de Belo Horizonte, considerada como área de pesquisa.

Como o impacto de cada trabalho se difere dos demais, é possível identificar aqueles que se destacam e fornecem estímulos e orientações para pesquisas posteriores, tal como aconteceu com o EALMG (RIBEIRO et al., 1977) a partir de sua publicação. Em análise futura, será possível observar que efeitos os trabalhos da terceira fase exercerão sobre as produções posteriores, o que, certamente, depende de um distanciamento entre o período analisado e o olhar do historiógrafo.

Conforme explicado anteriormente, a metodologia de busca das obras em análise se baseou em diversas fontes, incluindo acervos físicos e digitais. Pela dispersão das informações de algumas fontes e pela limitação ao acesso a determinadas obras, principalmente às mais antigas, é possível que a catalogação realizada não tenha incluído um ou outro trabalho. De todo modo, acreditamos que os resultados obtidos possam contribuir significativamente não só para o conhecimento sobre as pesquisas a respeito dos traços linguísticos dos mineiros, mas principalmente para o desenvolvimento da Historiografia da Linguística, disciplina bastante recente nos estudos acadêmicos.

De acordo com Altman (1998, p. 77), reconstituir os processos de formação dos nossos estudos linguísticos equivaleria, de certo modo “a reconstituir a história do pensamento crítico – e linguístico – sobre o português do Brasil”. Nessa mesma direção, seria possível afirmar que reconstituir o processo de desenvolvimento dos estudos sobre o português falado em Minas

Gerais equivale a reconstituir o interesse destinado ao conhecimento não somente dos traços linguísticos, mas de um conjunto de características que ajudam a compor a realidade sociolinguística do estado.

Se, conforme apontamos anteriormente, Castilho (1962) e Ribeiro et al. (1977) se ressentiam da falta de estudos sobre a língua falada, podemos afirmar que a situação até 2014, no que se refere a Minas Gerais, é bem diferente. Embora haja muitas áreas que estejam à espera de pesquisas linguísticas (cf. Mapa 2), os resultados obtidos revelam que, ao longo dos 125 anos de história considerados neste artigo, as pesquisas sobre o português falado no estado saíram de uma situação incipiente para outra de extrema fertilidade no início do século XXI.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, J. Maria do Carmo Viegas – dezembro 2011. *descubraminas.com*, Belo Horizonte, dez 2011. Cultura, Entrevistas. Disponível em: http://www.descubraminas.com.br/Cultura/EntrevistaDetalhe.aspx?cod_entrevista=1647. Acesso em: 26 mai. 2016.

ALTMAN, C. **A pesquisa linguística no Brasil (1968-1988)**. 2. ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1998.

ALTMAN, C. História, estórias e historiografia da linguística brasileira. **Todas as letras**, v. 14, n. 1, p. 14-37, 2012.

AMARAL, E. T. R. (Org.). **O português falado em Minas Gerais**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2013. (Viva Voz)

AMARAL, E. T. R.; RAMOS, J. M. **Nomes gerais no português brasileiro**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2014.

ANTUNES, C. **Dicionário do dialeto rural no Vale do Jequitinhonha - Minas Gerais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

BARBOSA, W. de A. B. **Negros e quilombos em Minas Gerais**. Belo Horizonte, [s. n.], 1972.

BATISTA, R. de O. **Introdução à historiografia da linguística**. São Paulo: Cortez, 2013.

BRAGA, M. L. **A concordância de número no sistema nominal no Triângulo Mineiro**. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) - Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1977.

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Plataforma Sucupira**, 2015. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/index.jsf>. Acesso em: 22 dez. 2015.

CARDOSO, S. A. M.; MOTA, J. A. Percursos da geolingüística no Brasil. **Linguística**, v. 29, n. 1, 2013.

CASTILHO, A. T. de. A língua portuguesa no Brasil. **Alfa**, v. 1, 1962, p. 9-24. Disponível em <http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3129/2860>. Acesso em 19 dez. 2011.

COHEN, M. A. A. de M.; RAMOS, J. (Orgs.). **Dialeto mineiro: estudos de variação e mudança linguística**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2002.

COHEN, M. A. A. de M. et al. **Anais do 1º Encontro sobre a diversidade linguística de Minas Gerais: cultura e memória**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2011. 1 CD-ROM.

CONGRESSO da língua nacional cantada. **Anais do primeiro congresso da língua nacional cantada**. São Paulo: Departamento de Cultura, 1938.

CUNHA, C. F. da. Ni 'em' = 'Em casa de'. **Anais do Primeiro Simpósio de Filologia Românica**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1970. p. 223-230.

CUNHA, J. A. P.. Aspectos da Linguagem de São Domingos: tentativa de descrição da linguagem rural brasileira. **Revista Alfa**, v. 20/21, 1974/75, p. 81-118.

DOGLIANI, E.; COHEN, M. A. A. de M. (Orgs.). **Pelas trilhas de Minas: a língua nas Gerais**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2011.

GIUDICE, P. Modo de falar em BH vira alvo de estudo. **O Tempo**, Belo Horizonte, 9 ago 2007. Disponível em: <http://www.otempo.com.br/cidades/modo-de-falar-em-bh-vira-alvo-de-estudo-1.308540>. Acesso em: 25 mai. 2016.

KOERNER, E. F. K. Historiography of Linguistics. In: KOERNER, E. F. K.; ASHER, R. E. **Concise history of the language sciences: from the sumerians to the cognitivists**. Oxford / New York / Tokyo: Pergamon, 1995. p. 7-16. **crossref** <http://dx.doi.org/10.1016/B978-0-08-042580-1.50005-2>

KOERNER, E. F. K. **Essays in the history of Linguistics**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamin Publishing Company, 2004. **crossref** <http://dx.doi.org/10.1075/sihols.104>

MACHADO FILHO, A. da M. **Problemas da Língua**. Belo Horizonte: Revista dos Tribunais, 1941. Capítulo: Dialeto em Minas, p. 170-177.

MACHADO FILHO, A. da M. **O negro e o garimpo em Minas Gerais**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

MENDES, A. A. **A ausência ou a presença de artigo definido diante de nomes próprios na fala dos moradores da zona rural de Abre Campo e Matipó-MG**. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

MOTA, C. **Dicionário de fanadês jequitinhonhês mineirês: linguagem falada às margens do rio Fanado & adjacências**. Brasília: Stephanie, 2008.

PEREIRA, E. C. **Grammatica expositiva**. São Paulo: Weiszflog Irmãos, 1907. 364p. Disponível em http://www.iel.unicamp.br/biblioteca/gramaticaindex.php?fg=arquivos/Eduardo_Pereira_gramatica_expositiva/241-260.pdf&mn=gramatica9menu.php. Acesso em: 8 jun. 2015.

PENHA, J. A. Projeto de estudo da norma linguística culta de algumas das principais capitais do Brasil. **Alfa Revista de Linguística**, v. 16, 1970. p. 345-349.

PENHA, J. A. P. **Português rural de Minas numa visão tridimensional**: na fala, nos textos regionais, nos escritores antigos. Franca: UNESP, 1997.

PINTO, E. P. (sel. e apres.). **O português do Brasil: textos críticos e teóricos**, 1- 1820/1920 - Fontes para a teoria e a história. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: EDUSP, 1978.

PINTO, E. P. **O português do Brasil: textos críticos e teóricos**, 2: 1920/1945: fontes para a teoria e a história. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: EDUSP, 1981.

QUEIROZ, S. **Pé preto no barro branco**: a língua dos negros da Tabatinga. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

RAMOS, J. M.; COELHO, S. M. **Português brasileiro dialetal**: temas gramaticais. Campinas: Mercado de Letras, 2013.

RASO, T.; MELLO, H. (Orgs.). **C-ORAL-BRASIL I**: corpus de referência do português brasileiro falado informal. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

RIBEIRO, G. A. **O vocabulário rural de Passos/Minas Gerais**: um estudo linguístico nos Sertões do Jacuhy. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

RIBEIRO, J. et al. **Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais**. Juiz de Fora: Fundação Casa Rui Barbosa/UFJF, 1977. vol.1.

SILVA JÚNIOR, M. P. da; ANDRADE, L.. **Grammatica da língua portugueza para uso dos gymnasios, lyceus e escolas normaes**. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves / Livraria Clássica de Alves, 1894.

SWIGGERS, P. La historiografía de la lingüística: apuntes y reflexiones. **Revista argentina de historiografía lingüística**, v. 1, n. 1, p. 67-69, 2009.

SWIGGERS, P. A historiografia da linguística: objeto, objetivos, organização. **Confluência**, Rio de Janeiro, n. 44/45, p. 40-59, 2013.

TEIXEIRA, J. de A. O falar mineiro. **Revista do Arquivo Público Municipal**, v. XLV, São Paulo, p. 5-100, 1938.

VEADO, R. M. A. **Comportamento linguístico do dialeto rural**. Dissertação (Mestrado em Linguística Teórica e Descritiva) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1980.

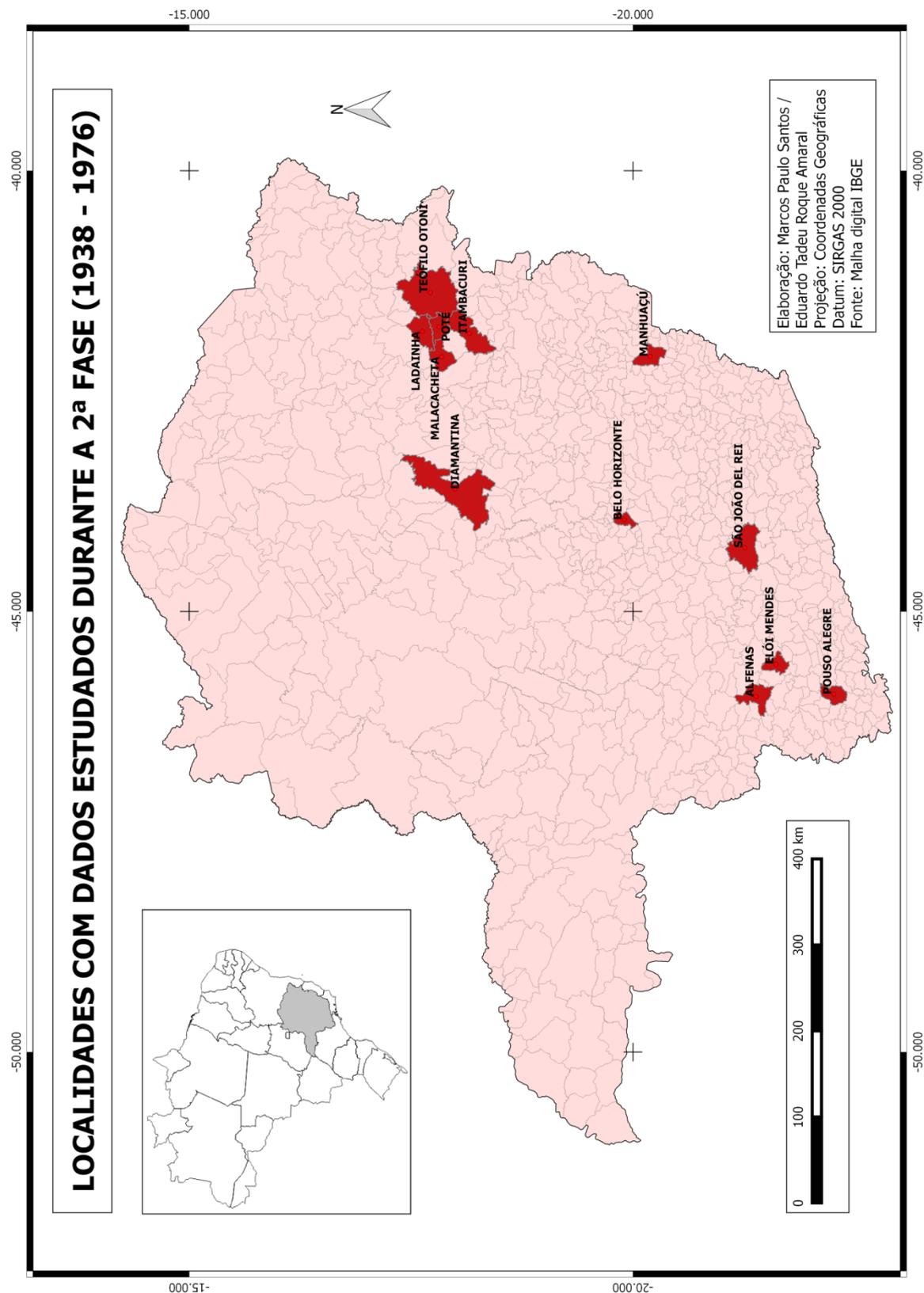
VEADO, R. M. A. **Comportamento linguístico do dialeto rural**. Belo Horizonte: UFMG/PROED, 1982.

VIEGAS, M. do C. (Org.). **Minas é plural**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2011.

VIEGAS, M. do C. (Org.). **Minas é singular**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2013.

Domínios de Lingu@gem

Anexo 1 – Mapa 1



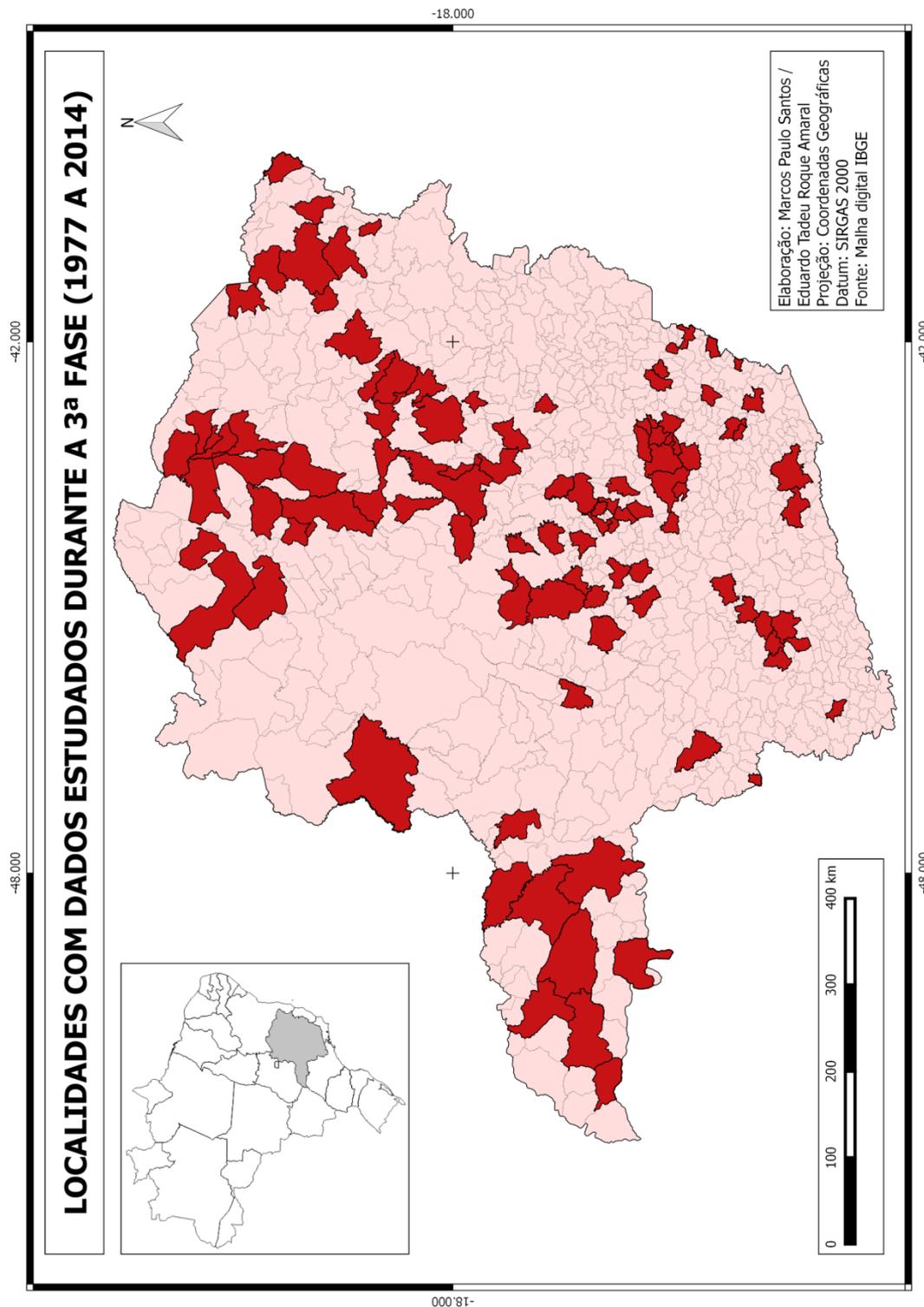
Anexo 2

Tabela 2 - Orientadores das dissertações e teses da terceira fase

Orientadores	Número de orientações	%
Marco Antônio de Oliveira	22	16,7
Maria Cândida Trindade Costa Seabra	9	6,8
Thaís Cristófaros Alves da Silva	9	6,8
Maria Antonieta A. M. Cohen	8	6,1
Jânia Martins Ramos	7	5,3
Maria do Carmo Viegas	7	5,3
Maura Alves de Freitas Rocha	7	5,3
Eunice Maria das Dores Nicolau	6	4,5
Evelynne Jeanne A. A. Madeleine Dogliani	6	4,5
Lorenzo Teixeira Vitral	6	4,5
José Sueli de Magalhães	5	3,8
Maria Beatriz Nascimento Decat	3	2,3
Maria Elizabeth Fonseca Saraiva	3	2,3
Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda	3	2,3
Rui Rothe-Neves	3	2,3
Tommaso Raso	3	2,3
César Augusto da Conceição Reis	2	1,5
César Nardelli Cambraia	2	1,5
Eunice Souza Lima Pontes	2	1,5
Heliana Ribeiro de Mello	2	1,5
José Olímpio de Magalhães	2	1,5
Seung Hwa Lee	2	1,5
Ana Cristina Fricke Matte	1	0,8
Angela Vaz Leão	1	0,8

Anthony Julius Naro	1	0,8
Ataliba Teixeira de Castilho	1	0,8
Carmen Lúcia Hernandes Agustini	1	0,8
Luiz Carlos Cagliari	1	0,8
Margarida Maria Taddoni Petter	1	0,8
Maria Antonieta Antunes Cunha	1	0,8
Maria Sueli De Aguiar	1	0,8
Mário Roberto L. Zágari	1	0,8
Rosália Dutra	1	0,8
Vanda de Oliveira Bittencourt	1	0,8
Vanderci de Andrade Aguilera	1	0,8
Total	132	100,0

Anexo 3 – Mapa 2 (cf. Tabela 4)



Anexo 4

Tabela 4. Relação de localidades de origem dos dados analisados pelos trabalhos da terceira fase (cf. Mapa 2).

Abre Campo	Francisco Sá	Pará de Minas
Acaiaca	Frutal	Paracatu
Águas Vermelhas	Gameleiras	Passos
Alvinópolis	Inimutaba	Patrocínio do Muriaé
Araçuaí	Itamarandiba	Pedra Azul
Araguari	Itaobim	Pedro Leopoldo
Arceburgo	Itaúna	Piranga
Augusto de Lima	Ituiutaba	Pitangui
Barra Longa	Iturama	Pompéu
Belo Horizonte	Jaboticatubas	Ponte Nova
Belo Vale	Jaíba	Porteirinha
Bocaiúva	Janaúba	Prata
Bom Despacho	Januária	Ribeirão das Neves
Bom Sucesso	Jequitinhonha	Rio Doce
Borda da Mata (Cervo)	Joáima	Rubim
Braúnas	Juiz de Fora	Sabinópolis
Caeté	Lagoa Santa	Salto da Divisa
Campanha	Lavras	Santa Luzia
Campina Verde	Lima Duarte	Santana do Riacho
Capelinha	Luisburgo	São Francisco
Carmo da Cachoeira	Machacalis	São Gotardo
Cataguases	Mariana	São João da Ponte
Catuti	Matipó	São José do Jacuri
Chapada do Norte	Minas Novas	Serro
Cordisburgo	Mirabela	Sete Lagoas
Couto de Magalhães de Minas	Monte Azul	Tocantins

Diamantina	Monte Carmelo	Tombos
Diogo de Vasconcelos	Montes Claros	Três Corações
Divinópolis	Morro da Garça	Turmalina
Dom Silvério	Nova Lima	Ubá
Elói Mendes	Ouro Branco	Uberaba
Ervália	Ouro Preto	Uberlândia
Espera Feliz	Pai Pedro	Varginha
Felixlândia	Papagaios	

Artigo recebido em: 09.01.2016

Artigo aprovado em: 05.06.2016